

Alunas Religiosas na Escola de Enfermagem Anna Nery

49

nas décadas de 20 a 40¹

Carmen Luisa dos Santos Teixeira
Suely de Souza Baptista
Rosa Maria N. T. Cavalcanti
Jussara Sauthier

RESUMO:

Este estudo, inserido na linha de pesquisa Escolas de Enfermagem na Sociedade Brasileira, tem como objetivo discutir as relações entre o ingresso e a evasão de freiras na EEAN nas gestões de enfermeiras norte-americanas e brasileiras na direção dessa Escola. O recorte temporal compreende o período 1923-1942. A metodologia utilizada foi a qualitativa. As fontes primárias incluíram documentos do Centro de Documentação da EEAN, como: dossiês de alunas e diretoras; e as secundárias, bibliografias referentes à história da enfermagem e ao contexto sócio-histórico da época. Os achados demonstraram que de 1923 a 1931, a Escola não contou com Religiosas em seu quadro de alunas; as três primeiras freiras ingressaram no Curso na gestão da primeira diretora brasileira (1931-1933), mas não chegaram a se diplomar; na segunda gestão de Bertha Pullen, enfermeira norte-americana (1934-1938), não houve ingresso de Religiosas na Escola; em 1939, na gestão da segunda diretora brasileira, ingressaram dez freiras que se formaram em 1942. Os resultados evidenciaram que apesar dessas freiras declararem ser a profissão sublime, nobre e bela, dando-lhes a possibilidade de praticar a caridade, confortando e aliviando os sofrimentos físicos e morais e apesar de recebido tratamento especial, o cotidiano de uma escola de enfermagem, leiga ou não, atraiu ou não favoreceu a permanência de Religiosas no Curso. Além disso, levanta-se a questão da possível interferência da religião protestante professada pelas enfermeiras norte-americanas, na disposição dessas Religiosas católicas frequentarem a Escola.

¹ Prêmio "A Lâmpada" concedido pelo NUPHEBRAS por ocasião do 5º Pesquisando em Enfermagem, período de 14 a 16 de maio de 1998. Colocação 1º lugar, categoria estudante.

Unitermos: Enfermagem. História da Enfermagem

Considerações Iniciais

O presente estudo, inserido na linha de pesquisa *Escolas de Enfermagem na Sociedade Brasileira*, é o resultado do interesse em mim despertado durante minhas atividades como bolsista de iniciação científica do CNPq, atuando no projeto integrado de pesquisa intitulado *A carreira e a profissão de enfermagem na sociedade brasileira*¹. Seu objeto é a presença de alunas Religiosas Vicentinas na Escola de Enfermagem Anna Nery, nas décadas de 20 a 40.

Esta pesquisa tem como objetivo discutir as relações entre o ingresso e a evasão de Religiosas² na Escola de Enfermagem Anna Nery (EEAN), durante as gestões, em sua direção, de enfermeiras norte-americanas e brasileiras.

O desenvolvimento deste relatório de pesquisa estrutura-se da seguinte forma:

- esboço da trajetória da EEAN desde sua criação (1923) até a formatura da primeira turma de Religiosas da Escola (1942);
- descrição do cotidiano das Irmãs Vicentinas e sua inserção nas escolas de enfermagem;

· análise e discussão do cotidiano das Religiosas matriculadas em 1931 e 1939.

Acredita-se que a presente pesquisa possa contribuir para o desenvolvimento dos estudos de história da enfermagem brasileira, esclarecendo o motivo por que somente em 1942 formaram-se as primeiras Religiosas matriculadas na Escola Anna Nery (EAN).

Metodologia

O presente trabalho constitui um estudo de abordagem histórico-social.

Seu recorte temporal compreende o período de 1923 a 1942, tendo como marco inicial a fundação da Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP) em 19 de fevereiro de 1923 e, marco terminal, em 1942, pelo fato de nessa data ter ocorrido a graduação das primeiras Religiosas alunas da EAN.

Seus sujeitos são as Religiosas que ingressaram na EEAN, três em 1931 e onze em 1939, todas pertencentes à Congregação de São Vicente de Paulo.

Utilizaram-se, como fontes primárias, o acervo do Centro de Documentação da Escola Anna Nery, entre os quais dossiês de alunas e documentos produzidos pelas Diretoras (relatórios narrativos³ e das atividades⁴, cartas, discursos, atas e recortes de jornais da época estudada) e o Livro de Registro dos alu-

¹ *Projeto Integrado de Pesquisa CNPq (1997-1999) sob a coordenação da Professora Doutora Sueli de Souza Baptista*

² *No presente estudo, entende-se por Religiosa pessoa que, vivendo em comunidade, profere os votos evangélicos de obediência, castidade e pobreza.*

³ *Relatórios narrativos correspondentes aos meses de julho e outubro de 1931, setembro, outubro e dezembro de 1932 e setembro de 1940.*

⁴ *Relatórios das atividades de julho e agosto de 1939.*

nos inscritos na EEAN. Além destas fontes, analisaram-se fotografias que não só serviram para a ilustração do trabalho mas também confirmaram a presença de Religiosas nas escolas de Enfermagem durante o período de tempo estudado.

A seleção dos diversos documentos acima referidos foi determinada pelos conteúdos relativos à presença das Religiosas como alunas da Escola.

A análise do material selecionado objetivou a obtenção de indicadores (motivações, atitudes, valores, crenças e tendências) que permitissem a inferência de conhecimentos, pois, segundo Triviños (1990:160), os documentos à simples vista, não se apresentam com a devida clareza.

Constituem suas fontes secundárias, bibliografia referente à história da enfermagem, ao contexto sócio-histórico da época e à vida das Religiosas dentro desse espaço de tempo. Com a finalidade não só de complementar mas também de esclarecer os dados obtidos, tanto nas fontes primárias quanto nas secundárias, e dar-lhes maior consistência, realizaram-se entrevistas semi-estruturadas, características de uma metodologia qualitativa, partindo de questionamentos básicos, cujas respostas interessavam à pesquisa. Como exemplo de tais questionamentos, pode se citada a escolha da EEAN e o seu dia-a-dia, na época estudada. Das respostas obtidas, surgiam novos enfoques para o desenvolvimento da entrevista.

Realizaram-se três entrevistas que, com a autorização das depoentes, foram

gravadas e puderam ser utilizadas para o presente relatório.

Na fase inicial do presente estudo, surgiram três obstáculos que dificultaram a obtenção de dados relativos à totalidade dos sujeitos desta pesquisa. Foram eles:

- a distância entre o Rio de Janeiro e o Estado onde hoje residem algumas Irmãs formadas em 1942;

- a saúde precária e o falecimento de algumas dessas Irmãs;

- a negativa, por parte da Congregação, para o fornecimento de informações a respeito da vida religiosa das Irmãs.

As Irmãs Vicentinas e a prática da Enfermagem no Brasil

Tradicionalmente, o exercício da enfermagem esteve, desde a Idade Média, estreitamente ligado às Ordens religiosas católicas e, a partir do século XVII, à Congregação fundada por São Vicente de Paulo, por ele chamada das **Filhas da Caridade**, conhecida com mais frequência como das **Vicentinas** ou, ainda, das **Irmãs de Caridade**.

Antes de a chamada “enfermagem moderna” chegar ao Brasil⁵, ainda no Império⁶, eram as Religiosas Vicentinas que cuidavam dos desamparados e doentes, auxiliadas por atendentes desprovidos de qualquer preparo formal prévio. Aliavam aos cuidados de seus pacientes um apostolado que os levasse à

⁵ Com a criação da atual EEAN em 1923.

⁶ As Religiosas Vicentinas começaram a trabalhar na Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro em 1852 (Forjaz, 1959:317-18).

conversão religiosa, ajudando, assim, na moralização e na disciplina dos grupos humanos.

Diversos autores, entre aqueles dedicados ao estudo da história da enfermagem e consultados para a presente pesquisa, apontaram inúmeras falhas relativas à formação técnica necessária ao exercício da profissão.

Tratando da constituição dos quadros profissionais da enfermagem anteriores à vinda da Missão Rockfeller, Sauthier (1996:94) atesta que nesta época exerciam a enfermagem as Irmãs de Caridade, enfermeiras estrangeiras (filhas de diplomatas ou pastores protestantes), pessoal treinado na escola do Hospital dos Alienados e nas escolas da Cruz Vermelha, visitadoras preparadas pelos médicos sanitaristas e atendentes (preparadas informalmente, em cada hospital).

Forjaz (1959:317-18) preocupa-se com este tipo de problema, analisando a ação das Religiosas:

... as religiosas recrutavam atendentes entre os próprios indigentes, na falta de elementos mais adequados. Mas apesar do devotamento que as inspirava, as falhas do serviço hospitalar eram enormes...

Devido à importância da dupla percepção do profissional de enfermagem, isto é, daquela tida pelas Religiosas em questão e da que foi instituída por Florence Nightingale, vale retomar uma idéia já anteriormente esboçada.

Em geral, a literatura a respeito dos cuidados de enfermagem, oferecidos na época em foco, estabelece uma diferença ideológica entre o modelo religioso e o "nightingale"⁷. Este último enfatiza o aspecto fundamental da formação de seus profissionais, valorizando a formação técnica dos enfermeiros. Sua inspiradora, embora de religião Presbiteriana, adepta da seita puritana, adotou princípios básicos preconizados por Luiza de Marillac para as "filhas da Caridade". A diferença básica entre os dois modelos parece ser o objetivo específico das Vicentinas, a saber, o de valorizar o servir primeiro a Deus na pessoa dos doentes e, assim, cumprir a missão de apostolado recomendada por São Vicente de Paulo, seu fundador.

Nunes (1997:501) acrescenta que a mentalidade moderna, nas décadas de 20 e 30, passou a exigir preparo profissional e habilitação técnica específica para o exercício das diversas profissões, atingindo, assim, o próprio cerne da atividade das profissionais em exercício nas Santas Casas da Misericórdia:

Enquanto predominou na sociedade uma visão sacralizada de mundo, foi possível às religiosas, por esse título, exercerem tarefas para as quais não estavam tecnicamente habilitadas. Porque eram "irmãs de caridade" podiam ser professoras, enfermeiras ou assistentes sociais; nenhum diploma ou curso era exigido delas.

Além disso, o Estado tornou-se cada vez mais presente no campo social, ampliando os serviços da previdên-

⁷ O termo "nightingale" deve-se à apropriação do sobrenome de Florence Nightingale, enfermeira inglesa, marco da chamada "enfermagem moderna".



cia, o que dificultou ainda mais, para as Religiosas, a manutenção de seu trabalho nas diferentes obras a que se dedicavam.

Pinheiro (1962:463) afirma que, quando surgem as Escolas de Enfermagem e a enfermeiras laicas, as Congregações de idéias mais amplas percebem a inaptidão de seu grupo e a inferioridade em que ficariam caso não preparassem seu pessoal hospitalar.

A irmandade de São Vicente de Paulo foi a primeira a tomar a iniciativa. Matriculou Irmãs nas Escolas Ana Neri e Carlos Chagas e pôde, assim, criar, no Rio de Janeiro, seu próprio centro de formação de enfermeiras, a Escola Luiza de Marillac (...) fundada em 1939.

Vale, aqui, traçar a trajetória das Irmãs de Caridade na procura de sua profissionalização.

Em 1931, ao desejarem ingressar em um Curso de Enfermagem, as Irmãs de Caridade tinham-se visto obrigadas a se inscrever numa escola leiga⁸, a escola padrão oficial (EAN), sediada na então Capital Federal (a cidade do Rio de Janeiro), por ser esta a única a oferecer ensino com modelo de enfermagem moderna.

A carência de uma instituição que formasse enfermeiras com orientação católica persistiu até a fundação da Escola Carlos Chagas⁹, em Belo Horizonte, em julho de 1933, data em que nela se matricularam quatro Religiosas. A permanência em sua Direção, até novembro de 1938, de uma católica convicta, D. Laís Netto dos Reys, viria a favorecer o ingresso de candidatas Religiosas numa Escola de Enfermagem que, apesar de leiga, possuía uma intensa vida religiosa, de orientação católica¹⁰ e utilizava, como campo de estágio, um hospital da Ordem de São Vicente de Paulo (Hospital São Vicente de Paulo).

Assim sendo, foi a Escola Carlos Chagas a primeira a formar Religiosas enfermeiras no Brasil, entre as quais encontrava-se a Irmã de Caridade Matilde Nina (formada em 1936)¹¹.



Foto 1 - Em destaque, D. Laís N. dos Reys.¹²

⁸ Entende-se por leigo o que não pertence ao âmbito da Religião.
⁹ A Escola de Enfermagem Carlos Chagas, localizada em Belo Horizonte, hoje faz parte da Universidade Federal de Minas Gerais como Escola de Enfermagem da UFMG.
¹⁰ A Escola dispunha de uma capela e de um orientador religioso (professor de filosofia da Religião). Realizavam-se habitualmente retiros espirituais, havendo participação de alunos e professores em Congressos Eucarísticos. As festas litúrgicas eram solenemente celebradas. O início e o término do ano letivo eram abençoados. (Clarizia, 1973: 475-476)
¹¹ A Irmã Matilde Nina teve a idéia de criar uma Escola de Enfermagem onde as Religiosas Católicas pudessem estudar: a Escola de Enfermeiras Católicas Luiza de Marillac, fundada no Rio de Janeiro, em 1939.
¹² Na foto, D. Laís encontra-se cercada por representantes da Igreja Católica, em sua despedida da Escola Carlos Chagas. Fonte: CD - EEAN/UFRJ. Arquivo de fotos: Env. 56 N. 16.

A presença da Igreja Católica é tão marcante que, ao analisar a foto da despedida de Laís Netto dos Reys da direção da Escola Carlos Chagas, se verifica a presença de diversas congregações religiosas, entre as quais a de São Vicente de Paulo (Irmãs Vicentinas).

O Cotidiano das Irmãs de Caridade: a dificuldade de adequá-lo a Escolas Leigas

Nunes (1997:497-98) traz alguns costumes observados pelas Religiosas Católicas em geral e, portanto, pelas Irmãs de Caridade, antes da “renovação e adaptação” ocorrida nos anos 60, após o Concílio do Vaticano II.

De início, cita a existência da idéia da “separação do mundo”, a *fuga mundi* dos antigos. Comenta o ideal religioso compreendido como negação de valores, comportamentos e normas correntes na sociedade, já que os costumes conventuais e as formas de comportamento das religiosas deveriam marcar essa distinção em relação “ao mundo”: modos de vestir, — pesados hábitos religiosos, em muitas congregações inspirados nas camponesas européias; os altos muros ao redor da área conventual e até dos colégios; os horários rígidos; as exigências de silêncio às refeições; a obediência estrita e inquestionável às “Superioras”; as penitências; a primazia dos exercícios cotidianos em comum

(base da chamada vida em Comunidade). Tudo isso, enfim, criava um mundo à parte, cheio de mistérios que povoavam a imaginação de quantos se acercavam das pessoas consagradas a Deus.

Essa forma de viver tanto ocorria nos conventos — sede das Congregações e Ordens — quanto nas “obras” — colégios, hospitais e casas de assistência, como asilos e orfanatos, onde grupos de Irmãs trabalhavam e viviam em Comunidade.

A autora anteriormente citada descreve, ainda, o costume do silêncio noturno, o “silêncio sagrado” ou “grande silêncio”, quando, do início da noite até a manhã do dia seguinte, as Religiosas permaneciam absolutamente silenciosas, sem se comunicarem umas com as outras, a não ser em casos considerados de real necessidade.

Pelo que acima está exposto, torna-se claro que este tipo de vida dificultava a adaptação das Religiosas às Escolas leigas.

Barbosa (1989:21) afirma que até a criação da Escola de Enfermeiras Luiza de Marillac, em 1939, só existiam no Brasil Escolas de Enfermagem leigas e, como a vida religiosa naquela época possuía algumas exigências difíceis de serem cumpridas fora da Comunidade, tornava-se complicado para as Religiosas cursarem Enfermagem.

De sua fundação até 1931, a EAN esteve sob a direção de enfermeiras americanas. Foram elas: Clara Louise Kieninger, Loraine Geneviève Dennhardt e Bertha Lucile Pullen¹³; esta última retornou ao Brasil após a morte da pri-

¹³ Clara Louise Kieninger de 1923 a 1925, Loraine Denhhardt de 1925 a 1928 e Bertha Lucile Pullen de 1928 a 1931.

meira diretora brasileira (1933) para ocupar o cargo de 1934 a 1938.

É de se estimar que a religião protestante, professada pelas enfermeiras norte-americanas, tenha exercido significativa influência sobre a demanda, por parte das Religiosas católicas brasileiras, pelo Curso de Enfermagem recém fundado.

Durante os anos de exercício de Bertha Pullen na direção da Escola Ana Nery, entre 1928/1931 e 1934/1938, nenhuma Religiosa católica teve ingresso nessa Escola, ao contrário do que se observava por parte de candidatas protestantes.

Segundo Sauthier (1996:193), as candidatas encaminhadas pelo chanceler da Federação das Escolas Evangélicas do Brasil, Erasmo Braga, amigo de Miss Pullen, eram bemvindas.

Ao chegar ao Brasil, as enfermeiras da Missão de Cooperação Técnica para o Desenvolvimento da Enfermagem no Brasil encontraram o domínio católico da sociedade e, portanto, da prática da enfermagem, já que a religião católica era a religião oficial do país. Ao implantar a enfermagem moderna, essas enfermeiras em sua maioria, apesar da confissão cristã evangélica, souberam conviver com essa realidade, respeitando as autoridades eclesásticas e as práticas da religião católica (Nimo, 1997:13). Apesar do respeito demonstrado por essas enfermeiras da Missão, nota-se a apreensão de superiores religiosos católicos que não permitiram o ingresso de nenhuma

Religiosa na EAN até 1931, data da gestão da primeira Diretora brasileira, Rachel Haddock Lobo.

No período compreendido entre 1921 e 1931, dez anos de permanência da Missão, não se criou outra escola de enfermagem, a não ser a Escola Anna Nery.

Em 1931, a Escola de Enfermeiras Anna Nery foi considerada a escola oficial padrão e cujo propósito era o de garantir um alto nível de formação profissional de enfermagem no Brasil, para equiparação e reconhecimento de outras escolas de enfermagem que viessem a ser criadas (Baptista, 1997: 33-4).

Somente quando tomou posse a primeira Diretora brasileira, católica, Rachel Haddock Lobo (1931 a 1933) ocorreu a matrícula das primeiras Irmãs de Caridade¹⁴. Isto se deu em 31 de julho de 1931, após entendimentos e acordo mútuo com a Superintendente do Serviço de Enfermeiras e Chefe da Missão, Ethel Parsons (2 de setembro de 1921 a 3 de setembro de 1931, período de sua permanência no Brasil).

Três foram as Irmãs então admitidas na condição de alunas externas, já que, conforme visto anteriormente, por serem Religiosas, não podiam permanecer no internato: Irmã Margarida Villac, Irmã Pinto, com o nome completo de Irmã Eugênia Pinto, e Irmã Thereza Carvalho¹⁵.

Dos Registros da Escola pode-se obter alguns dados sobre cada uma dessas Irmãs:

¹⁴ Rachel Haddock Lobo atuara como assistente da Diretora Bertha Pullen, de dezembro de 1929 a 30 de junho de 1931. A matrícula das três Religiosas deu-se após sua volta dos Estados Unidos, aonde fora aperfeiçoar-se em virtude do convite de Ethel Parsons para que dirigisse a EAN (Carvalho, 1976:16).

¹⁵ Eram as Religiosas na vida civil, respectivamente, Helena Villac, Hermínia da Luz Pinto e Olma Zayla de Carvalho.

Helena Villac (Irmã Margarida Villac) possuía o Curso Normal e preparo anterior, com cinco anos de prática em enfermagem na Santa Casa da Misericórdia. É ela quem presta o seguinte depoimento:

A missão da enfermeira é uma das mais sublimes a que pode aspirar uma moça, pois não só lhe permite dedicar-se à cabeceira dos enfermos hospitalizados, como lhe dá o grande consolo de vêr, abrir-se alegremente as portas das mais vis (...) onde a sua presença voe, como um raio de sol, para confortar e aliviar os males físicos e moraes. Para servir a Jesus na pessoa dos pobres, é que me dedico a esta Arte. (31/07/31)

Desistiu da EAN em 15 de outubro de 1931, por motivo de saúde precária, tendo estado com sinusite nos primeiros quatorze dias do mesmo mês.

Apesar de não ter completado o Curso na EAN, formou-se, mais tarde, em outra Escola¹⁶, chegando a tornar-se uma das diretoras da Escola de Enfermagem Luiza de Marillac.

Eugênia Pinto (Irmã Pinto) também possuía o Curso Normal e preparo anterior, com oito meses de prática de enfermagem no Hospital "École des Peupliers", em Paris, tendo, por isso, obtido, por ocasião de seu ingresso na EAN, créditos relativos a esse tempo. Apesar da matrícula na Escola, mais tarde foi trabalhar em colégios, não tendo permanecido na profissão de enfermeira. Pode-se presumir que essa desistência tenha-se devido a peculiaridades da

vida religiosa, já que, segundo depoimento colhido durante a pesquisa,

As religiosas, ao professarem voto de obediência, a qualquer momento podem deslocar-se de uma região do país para outra, como também mudarem seus ofícios, de acordo com a necessidade da Congregação.

A seguir, seu pensamento sobre os cuidados prestados pela enfermeira:

Nobre e bella é a missão de enfermeira. Auxiliar intelligente e dedicada do médico, cumpridora conscienciosa de suas prescrições, a enfermeira é também anjo consolador que traz alívio às dores físicas e freqüentemente aos males moraes. Irmã de Caridade, sou por vocação, atrahída para os entes que sofrem. Entretanto quero que os conhecimentos technicos andam de par com a caridade que me deve animar como Filha de São Vicente." (1/08/31)

Olma Zayla de Carvalho (Irmã Thereza Carvalho) que, da mesma forma, possuía o Curso Normal, não tinha preparo anterior ou prática em enfermagem. Pediu demissão no dia 29 de dezembro de 1932.

Era a seguinte sua opinião sobre a enfermeira:

Ser enfermeira é uma das mais nobres carreiras que se pode seguir. Nes-

¹⁶ Segundo o depoimento de uma Irmã, obtido em entrevista gravada, esta Escola possivelmente foi a Carlos Chagas, em período anterior a 1942, sem que a ela fosse possível precisar a data.

ta missão, cujo fim principal é dispensar os cuidados e atenções que exigem o estado dos doentes, a enfermeira dedicada dispensa seus trabalhos e esforços; numa palavra, sacrifica seus dias a suavizar-lhes os sofrimentos físicos e moraes. É a caridade praticada por Jesus que torna esta missão santa em que a mulher exerce sua utilidade para bem das almas e da Pátria. (31/07/31)



Foto 2 - Recepção de Toucas da Classe 1934¹⁷.

Observa-se, na foto da Recepção de Toucas, em dezembro de 1931, ocorrida após o período preliminar de quatro meses, a presença de duas Religiosas, as Irmãs Thereza e Pinto, ainda cursando a EEAN, da qual vieram a se afastar após servir na frente de guerra da Revolução Constitucionalista de 1932.

Em setembro de 1932, segundo Rachel Haddock Lobo¹⁸, atendendo à necessidade premente de enfermeiras para os hospitais das frentes do “nosso exército”, por indicação da Senhora Superintendente Geral do Serviço de Enfermeiras do DNSP, Edith de Magalhães Fraenkel, procedeu-se a uma chamada de voluntárias a serem colocadas à disposição do Ministro da Guerra. Destas,

um grupo partiu para o Setor Leste e outro para o Sul, com destino ao norte do Paraná, limite com São Paulo. Este último, chefiado pela diretora da EAN, Rachel Haddock Lobo, partiu no dia 10 de setembro, contando ainda com a ajuda de algumas alunas, inclusive as Religiosas.

Terminada a Revolução Constitucionalista, em outubro retornaram as alunas leigas e a Diretora da Escola, Rachel Haddock Lobo, premiou-as com um repouso de dez dias antes de retomarem seus estudos. O mesmo não ocorreu, porém, com as Religiosas, que não voltaram, provavelmente por não se terem adaptado às exigências da vida fora do Convento, não enviando nenhum aviso à EAN.

Data do dia 17 de novembro de 1932 um pedido de informações feito pela Diretora da Escola à Superiora das Filhas de São Vicente de Paulo:

Saudações,

Tendo terminado a situação anormal do país, e assim também a razão de ser do afastamento das Irmãs Eugênia e Thereza, tendo em vista que as nossas enfermeiras que também estiveram prestando socorro aos feridos durante esta triste luta, já há muito se acham novamente na vida normal, tendo recommençado seus estudos, desejo me informeis quaes vossos planos a respeito dessas duas alunas desta Escola. Como Diretora que sou desta casa obrigada a zelar pela boa ordem, disciplina e estatística da Escola, vejo-me no dever de vos escrever para obter qualquer informa-

¹⁷ Na foto, nota-se a presença das Irmãs Eugênia Pinto e Thereza Carvalho. Fonte: CD - EEAN/ UFRJ. Arquivo de fotos: Env. 73 N. 32 (Classe 1934. Pavilhão de Aulas).

¹⁸ Rachel Haddock Lobo, Relatório Narrativo, setembro de 1932.

ção vossa, a respeito das Irmãs Eugenia e Thereza, já que após minha última entrevista com Irmã Eugenia não mais fui informada de vossos planos. Estando o ano findo, e querendo meu fichario em completa ordem peço-vos responder-me com a máxima urgência para completar minha estatística anual.

Em dezembro desse mesmo ano, por não terem respondido a esta carta, as Irmãs de São Vicente de Paulo, da classe 1934, G II, foram excluídas da Escola. Na visão da Diretora, D. Rachel Haddock Lobo, isto se deu porque elas não desejavam mais continuar o curso científico da escola e se contentavam com os poucos conhecimentos rotineiros da prática sem teoria. Ao mesmo tempo, enquanto tinham passado pela escola, não haviam demonstrado nenhum espírito de enfermagem, nem muita dedicação aos doentes (Rachel Haddock Lobo, Relatório Narrativo, dezembro de 1932).

As Irmãs de Caridade na Escola Anna Nery (1939-1942)

D. Lais Netto dos Reis, fundadora da Escola de Enfermeiras Carlos Chagas, exerceu o cargo de segunda Diretora brasileira da EAN, de novembro de 1938 a março de 1950. No exercício da Direção, recebeu, no dia 5 de maio de 1939, uma carta da Visitadora das Filhas de Caridade de São-Vicente de Paulo, Irmã Antoniette Marie Blanchot, que solicitava a reserva de 12 a 15 matrículas para

algumas Irmãs cujos nomes seriam enviados em ocasião oportuna. Agradecia à Diretora que garantisse às Irmãs condições especiais que lhes permitiriam cursar uma Escola leiga, apesar dos obstáculos já citados anteriormente no presente estudo. Elas poderiam contar com os aposentos indispensáveis à salvaguarda da liberdade imprescindível à conservação dos exercícios e práticas religiosas que lhes eram peculiares. Tais aposentos constariam de um ou mais dormitórios, contendo 12 a 15 camas, separadas por biombos de fazenda de pouco valor ou cortinas de igual material; de uma “sala decente”, que serviria de Capela, facultando-lhes, assim, o livre exercício de suas obrigações religiosas; e do envio de uma Irmã diplomada pela Escola Carlos Chagas, que serviria de monitora, responsabilizando-se pelo grupo perante a Comunidade¹⁹ e a Direção da Escola, tanto na parte espiritual e moral quanto no acompanhamento dos estudos. Essa correspondência pedia resposta com a data das inscrições para os exames e a matrícula, assim como o programa exigido das candidatas não portadoras de diplomas dos Cursos Normal ou Secundário.

D. Laís Netto dos Reis considerou grande vitória da Escola Ana Neri a matrícula das 12 Religiosas. A permissão dada por Sua Eminência o Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro, D. Sebastião Leme, para o ingresso das Religiosas, como alunas internas, em uma escola leiga, elevava consideravelmente o conceito desta mesma Escola²⁰.

Uma vez que fora criada, no prédio do Internato da EAN, na Avenida Rui

¹⁹ Entende-se por Comunidade a reunião de Religiosas vivendo em determinado Convento.

²⁰ Relatório de atividades (julho de 1939)

Barbosa, em Botafogo, em 31 de julho de 1939, uma ala de Religiosas, solicitou-se a D. Sebastião Leme a permissão para que a Escola mantivesse uma Capela de culto semipúblico de modo a servir às demais alunas católicas. O Internato contava com dormitório, refeitório, a capela com Missa diária à qual compareciam algumas alunas e a diretora da Escola e uma sala de estar



Foto 5 - Fachada do Internato onde residiram as alunas da EEAN²¹.

...era um conventozinho, lá; três anos ficamos lá (E. 2)

...era nossa casa... (E. 3)

Instalaram-se as 12 Irmãs, então matriculadas, no segundo andar do edifício da refeição, nos alojamentos outrora ocupados pelas enfermeiras da Missão. Ali as Irmãs ampliaram sua pequena Capela onde, todas as manhãs, às 05h e 30min, era celebrada a Missa por um sacerdote da Ordem dos Lazaristas, também fundados por São Vicente de Paulo, sem perturbar o horá-

rio ou o movimento da casa, já que esse alojamento era independente do das outras alunas.

No dia 01 de agosto de 1939, compareceram à aula onze Religiosas: Irmã Vivência Alvarenga, Irmã Margarida Maria Cola, Irmã Magdalena Telles, Irmã Paulina Costa, Irmã Theresa Silveira, Irmã Ignês Lage, Irmã Cecília Fernandes, Irmã Maria José Santos, Irmã Odila Lima, Irmã Jeanne Saboia e Irmã Elisabeth Cerutti²². Essas Religiosas foram convocadas pela Visitadora Mère Blanchot, como se pode observar nos seguintes depoimentos²³:

a nossa Congregação resolveu que um grupo de Irmãs fizesse o curso na Escola Anna Nery (E. 1)

A congregação mandou estudar (E. 2)

E por terem professado o voto de obediência, cumpriram o que lhes fora ordenado, conforme foi visto na opinião que a primeira Irmã entrevistada para este estudo forneceu à Escola, ao preencher a ficha de matrícula, em julho de 1939.

...fui designada a fazer o curso geral de Enfermeira na Escola Anna Nery, ao que me dedicarei de coração...

São palavras de Laís Netto dos Reys (7/10/39):

²¹ Fonte: CD - EEAN/UFRJ. Arquivo de fotos: Env. 104 Sem número (Fachada do Internato, ano 1971).

²² Eram as Religiosas na vida civil, respectivamente, Abrahilde Alvarenga, Catharina Cola, Francisca Aurinivea Telles, Herandi Costa, Isabel da Silveira, Maria Andrade Lage, Maria Fernandes Lopes, Maria Santos, Mônica de Lima, Raymunda de Farias Saboia e Zita Cerutti.

²³ Para garantir o anonimato conforme solicitado pelas depoentes, convencionou-se identificá-las por meio da sigla E seguida de sua numeração.

Esse fato vem dar novos rumos à *Enfermagem religiosa do Brasil*, abrindo para as mesmas, de origem nacional, a oportunidade de adquirirem a técnica e os conhecimentos científicos que lhes faltavam para poderem com toda eficiência dedicar-se ao serviço dos doentes, na grande maioria dos hospitais do país.

Como já havia sido acordado com a diretora, a Irmã Eugênia Luna, formada pela Escola Carlos Chagas, foi designada monitora, residindo no internato, embora não tivesse sido matriculada como aluna.

... só podíamos viver em comunidade e foi colocada como Superiora nossa — porque cada casa tem uma Superiora — a Irmã Eugênia Luna (E. 1)

A atuação da Irmã Eugênia Luna foi significativa para que as Religiosas completassem o Curso, já que assistia às aulas, fazia apontamentos, preparava as apostilas e fiscalizava o trabalho das Irmãs nas enfermarias.

... porque o tempo da gente era muito resumido, nós tínhamos de juntar duas vidas, porque também os compromissos com a Congregação ninguém excluiu nada. O tempo era tudo assim, muito apertado; e com essa ajuda dela, facilitava muito, porque, à noite, depois do jantar, a gente descansava um pouquinho e depois podia estudar até

a hora que quisesse, porque já “tava” tudo arrumadinho. O que ela fazia com nossos apontamentos, a gente se completava. (E. 1)

Durante a época de estágios, D. Laís facilitava a permanência das Irmãs em grupo, pois sempre as mantinha unidas por turno de serviço em hospitais.

O dia das Religiosas começava às quatro horas da manhã, quando acordavam para fazer os exercícios da Congregação; às cinco horas e trinta minutos assistiam à Missa e, logo após, tomavam café e seguiam de ônibus para o Pavilhão de Aulas (P.A.), ou para o estágio.

O uso do hábito azul e da corneta (espécie de chapéu) eram obrigatórios fora do âmbito hospitalar, sendo, esta última, imprescindível em qualquer lugar. No conjunto das vestes, as Irmãs usavam também uma cota²⁴ que tinha mangas compridas e largas, a saia era de um material pesado, pregueada, que geralmente pesava de três a quatro quilos e que juntamente com a cota quase chegava à altura dos pés.

O hábito pesava entre três a cinco quilos conforme a altura da Irmã. (E. 3)

Durante os estágios em hospitais, a cota era substituída por um camisa branco, de mangas compridas (foto 4) e, nas visitas de saúde pública, as Religiosas dobravam as mangas e colocavam um avental branco.

Apesar das regalias já citadas, as Irmãs seguiam o Regulamento das alu-

²⁴ A cota era uma veste de lã com uma abertura para a cabeça que cobria as Religiosas até os pés.



Foto 4 - Religiosas da Classe 1942 G II²⁵.

nas e deviam estar presentes em todas as atividades da Escola:

...nós tínhamos de seguir todo o programa das alunas. Por exemplo, era dia de ginástica, nós não fazíamos ginástica mas tínhamos de ficar em pé assistindo todo o horário da ginástica (E. 1)

Segundo os depoimentos colhidos, o motivo da escolha da EEAN por parte das Vicentinas deveu-se ao fato de que se tratava de uma escola oficial, já que a Congregação não possuía Religiosas enfermeiras nos hospitais e tinha por objetivo fundar escolas de alto padrão.

Deste grupo, classe 1942, G II, formaram-se dez Religiosas que foram trabalhar em hospitais e algumas fundaram escolas. A Irmã Elisabeth Cerutti não concluiu o Curso, tendo-se afastado, por motivo de doença, no dia 16 de setembro de 1940.

D. Laís Netto dos Reis (como citado anteriormente) diplomou as primeiras Religiosas do Brasil, entre as quais encontrava-se Ir. Eugênia Luna. É por essa razão que esta última a considerava “mãe das Irmãs”, visto que na Escola Carlos Chagas a diretora era considerada Mestra e Mãe que levava sua vida à imitação de seu Divino Mestre e Pai (Clarízia, 1963:476).

...era uma veneração por Dona Laís (E. 3)

...ela já parecia uma pessoa Religiosa (E. 1)

D. Laís, por ser uma pessoa tão bem vista pela comunidade católica, em julho de 1948, foi aclamada Presidente de Honra durante o II Congresso Nacional de Enfermagem, quando foi eleita a primeira diretoria da União Católica de Enfermeiras do Brasil (UCEB).

²⁵ As doze Religiosas encontram-se em campo de estágio de Saúde Pública, sendo que quatro usam o uniforme de trabalho em hospital. Fonte: CD - EEAN / UFRJ. Arquivo de fotos: Env. 26 N. 10 (Classe 1942 G II - Estágio de Saúde Pública).

Considerações Finais

Os achados da presente pesquisa permitem algumas considerações que fornecem pistas para posteriores estudos:

- as três primeiras Irmãs ingressaram no curso na gestão da primeira diretora brasileira, Rachel Haddock Lobo (1931 a 1933), mas não chegaram a se diplomar;

- a primeira Religiosa a desistir pediu demissão por motivo de saúde, não tendo retornado à Escola Anna Nery, diplomando-se, mais tarde, pela Escola Carlos Chagas;

- na segunda gestão de Bertha Pullen, enfermeira norte-americana (1934 a 1938), não houve ingresso de Religiosas na Escola Anna Nery;

- em 1939, na gestão da segunda Diretora brasileira, ingressaram onze Religiosas, das quais, dez se formaram em 1942.

Tais dados evidenciam que, apesar de essas Religiosas declararem ser a profissão sublime, nobre e bela, dando-lhes a possibilidade de praticar a caridade, confortando e aliviando os sofrimentos

físicos e morais, e apesar de terem elas recebido tratamento especial, o cotidiano de uma escola leiga ou não atraiu ou não favoreceu a permanência de Religiosas no Curso, nem sua dedicação ao mesmo. Viu-se que o grupo que ingressou em 1939 obteve privilégios tais como dormitório reservado, monitora e capela, que permitiam o cumprimento dos votos religiosos e os estudos na Escola. Constatou-se também, que a segunda Diretora brasileira teve grande carisma perante a comunidade religiosa, sendo até eleita “por aclamação” Presidente de Honra da UCEB em 1948, devendo-se ressaltar que foi durante sua gestão que se formou a primeira turma com Religiosas no Brasil (1936) e a primeira da EAN (1942). Além disso, levanta-se a questão da possível interferência da religião protestante, professada pelas enfermeiras da Missão, na disposição de essas Religiosas católicas (1936) e a primeira da EAN (1942). Além disso, levanta-se a questão da possível interferência da religião protestante, professada pelas enfermeiras da Missão, na disposição de essas Religiosas católicas frequentarem a Escola no início da década de 30.

NUNS AS STUDENTS AT ANNA NERY SCHOOL OF NURSING IN THE 1929-1940'S

ABSTRACT:

This study aims to discuss the relation between the entry and the evasion of nuns at EEAN when North-American and Brazilian nurses directed the School from 1923 to 1942. It is inserted in the research “Schools of Nursing in Brazilian Society”. The qualitative methodology was used. The primary sources included documents from the EEAN's Documents Centre as students and principals' dossiers. The secondary sources included bibliographic research on history of nursing and the social and political context of this period. The results



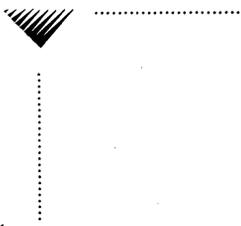
show: there aren't any nuns as students at School from 1923 to 1931; the first three nuns came to School with the first Brazilian principal (1931-1933); there aren't any nuns when Bertha Pullen was principal for the second time; in 1939, during the management of the second Brazilian principal, teen nuns began to attend the course and obtained an academic degree in 1942. Although the nuns had declared it was a sublime and noble profession, leading to the practice of charity and bringing comfort and relief to moral and physical suffering, although they was kindly treated, the routine of a lay school of nursing did not attract or allow the permanence of nuns in the course. It can be also questioned if the protestant North-American nurses interfered in the nuns' disposition to attend the School

Keywords: Nursing. History of nursing Students

ALUMNAS RELIGIOSAS DE LA ESCUELA DE FORMACIÓN DE ENFERMERAS ANNA NERY EN LAS DÉCADAS DE 20 Y 40

RESUMEN:

Este estudio, añadido en la línea de pesquisa de las Escuelas de formación de enfermeras de la sociedad brasileña, tiene como objetivo discutir las relaciones entre el ingreso y la evasión de monjas en la EEAN durante la gestión de enfermeras norteamericanas y brasileñas en la dirección de esa Escuela. El tiempo comprende el periodo de 1923-1942. La metodología utilizada fue la cualitativa. Las fuentes primarias incluyeron documentos del Centro de Documentación de la EEAN, como: registro de las alumnas y directoras, y las secundarias, bibliografía de la historia de la enfermería y al contexto socio-económico de la época. Los documentos encontrados demuestran que: - de 1923 a 1931, la Escuela no contó con monjas en su cuadro de alumnas; - las tres primeras monjas ingresaron en el curso de la gestión de la primera directora brasileña (1931-1933), pero no llegaron a diplomarse; - en la segunda gestión de Bertha Pullen, enfermera norteamericana (1934-1938), no hubo ingreso de religiosas en la Escuela; - en 1939, en la gestión de la segunda directora brasileña, ingresaron diez monjas que se formaron en 1942. Los resultados evidenciaron que, además de esas monjas, declararen ser la profesión sublime, noble y bella, les dando la posibilidad de practicar la caridad, sanando los sufrimientos físicos y morales y además de esto tengan ellas recibido tratamiento especial de una escuela de formación de enfermeras no religiosa, su rutina no dió la oportunidad de la permanencia de Religiosas en el Curso. Sin embargo, se levantó la cuestión de la posible interferencia



de la religiosidad protestante de las enfermeras norteamericanas, en la disposición de esas Religiosas católicas frecuentaren la Escuela.

Palavras-chave: Religiosas – EEAN - ingreso - evasión

Referências Bibliográficas

1. BAPTISTA, Suely de Souza, BARREIRA, Ieda de Alencar. A luta da enfermagem por um espaço na universidade. Rio de Janeiro: UFRJ/EEAN, 1997.
2. BARBOSA, Escolástica. Faculdade de Enfermagem Luiza de Marillac - 50 anos: breve relato histórico. Rio de Janeiro: Sociedade Beneficente São Camilo, 1989.
3. CLARÍZIA, Irmã Emília. Histórico da escola de enfermagem Carlos Chagas da faculdade de medicina da Universidade de Minas Gerais. Revista Brasileira de Enfermagem, v.16, n.6, p.472-478, dez. 1963.
4. FORJAZ, Marina Vergueiro. Resumo das origens e desenvolvimento das escolas de enfermagem no Brasil: focalizando a interferência do pensamento católico. Revista Brasileira de Enfermagem, v.12, n.3, p.315-329, set. 1959.
5. NIMO, Cláudia Cobas, BATALHA, Marianne Cardoso, BARREIRA, Ieda de Alencar. A influência da ética religiosa na formação da enfermeira nas décadas de 20 e 30. Rio de Janeiro, 1997.
6. NUNES, Maria José Rosado. Freiras no Brasil In: PRIORE, Mary Del. História das mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 1997.
7. PINHEIRO, Maria Rosa S. A enfermagem no Brasil e em São Paulo. Revista Brasileira de Enfermagem. v.15, n.5, p. 432-478, out. 1962.
8. SAUTHIER, Jussara. A missão de enfermeiras norte-americanas na capital da República (1921-1931). UFRJ, 1996. Tese (Doutorado em História da Enfermagem) - Escola de Enfermagem Anna Nery, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1996.
9. TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

Carmen Luisa dos Santos Teixeira

Aluna de Graduação da EEAN/UFRJ, Bolsista de Iniciação Científica
CNPq

Suely de Souza Baptista

Professora Titular da EEAN/UFRJ

Rosa Maria N. T. Cavalcanti

Professora Titular/Professora Visitante da EEAN/UFRJ

Jussara Sauthier

Professora Adjunta da EEAN/UFRJ